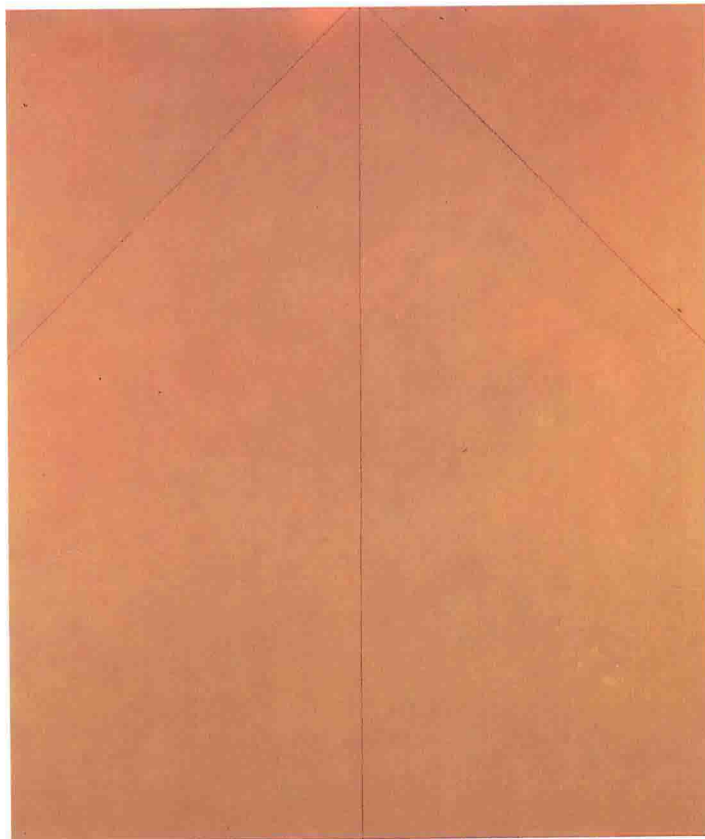


Questões práticas acerca da obra de Ângelo de Sousa

António Rodrigues



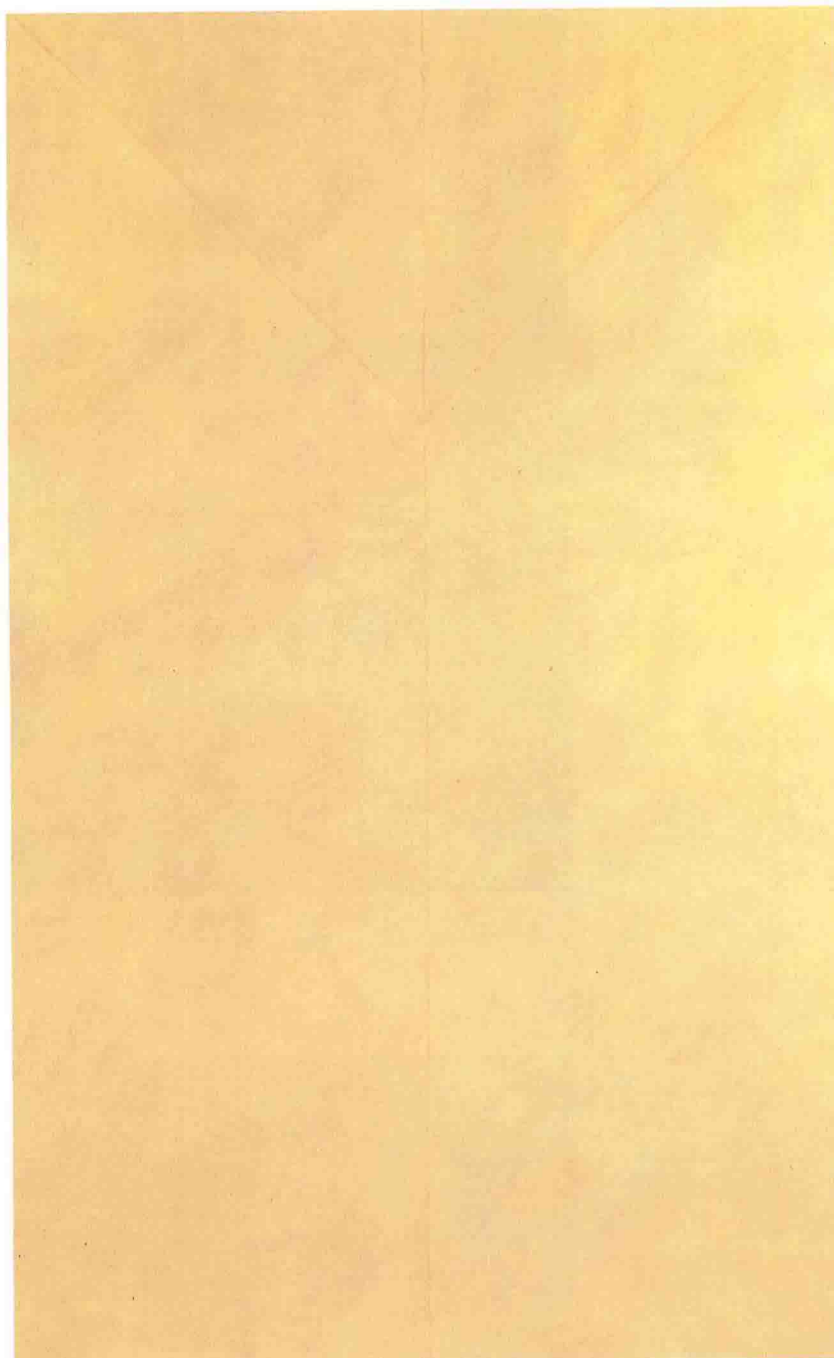
84 - 4 - 1G-, 1984. Acrílico s/ tela, 200 x 170 cm. Cortesia Fundação de Serralves

Se fosse caso de um acerto de contas histórico, aliás justificável na circunstância de uma exposição de feição antológica, desde logo poderia afirmar-se que a obra de Ângelo foi uma das primeiras a registar desígnios de contemporaneidade no contexto inovador da arte nos anos 60.

Desde *Paisagem com bola azul* de 1959 ou, de modo mais resoluto, desde *Planta/s* de 1961-62, Ângelo apresenta-se

um dos autores mais decisivos de uma pintura fundadora de outra emergência estética, que a crítica da época passou a nomear de Nova-Figuração.

O termo, como tantos outros que o formalismo moderno promoveu, quer dizer aquilo que quer dizer. Mais um 'ismo' tal que sucedia por reacção ao 'ismo' tal e ao qual iria suceder outro 'ismo' tal. Se esse pendor sucessionista já então poderia ser redutor do novo território em presença, sê-lo-ia ainda mais



Sem título, 1974. Acrílico s/tela, 200 x 125 cm. Cortesia F.Serralves

quando aplicado por pontos de vista periféricos aos centros de criação artística. Isso quando se quereria explicar tudo com pintores portugueses introdutores de coisas.

Há sempre pintores que introduzem coisas nos lugares onde habitam e há pintores que criam obras no mundo onde vivem. Como é bem de ver, estes não são pintores daqui ou dacolá porque são do mundo.

Ângelo é um pintor do mundo. Estatuto inerente à desinência

de autor que desde sempre norteou a sua obra. E, exactamente por isto, a nova-figuração de Ângelo, tal como a de Rodrigo ou Paula Rego, já nada tem a ver com formalismo integrante, antes pelo contrário com a invenção de uma deliberada linguagem auto-suficiente nunca arredada da vivência quotidiana. E original como só pode ser a arte que interesse, mesmo quando questione o sentido determinista que a modernidade radical lhe confiou.



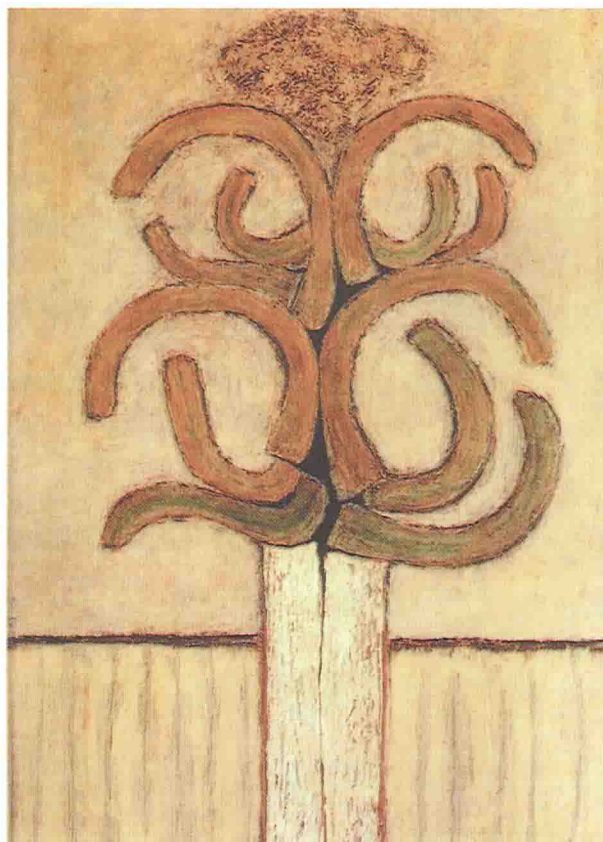
«Plantas», 1964. Tintas de off-set s/ cartolina preparada, colada em platex, 100 x 70 cm. Cortesia F.Serralves

A chamada Nova-Figuração, como é sabido, toma por referência a representação da coisa e já não a coisa em si mesma. O que equivale à natural invalidez da polémica moderna da abstracção versus figuração ou da representação versus não-representação. Assim, a Nova-Figuração, mais do que um código formal, abre outras perspectivas à realização artística.

É neste ponto de vista que se poderá reapreciar hoje a obra de Ângelo.

Coloque-se a hipótese de esta nos confrontar com um encontro inicial entre tradição e modernidade.

As pinturas de Ângelo dos anos 60 convocam elementos inequívocos dos géneros artísticos da tradição da pintura ocidental: paisagem, natureza morta, cena de género e retrato. Num registo elementar, rápido, directo ou quase automático, mediante relações primordiais entre a nudez do desenho, as três cores complementares, o preto e o branco, conotáveis com as preo-



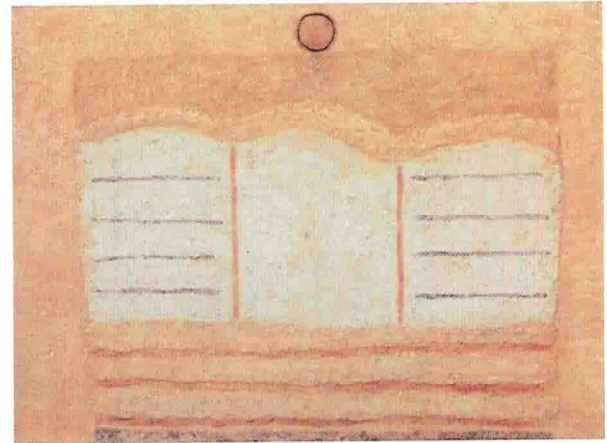
«Planta», 1961/62. Acetato de polivinilo s/ platex, 70 x 50 cm. Cortesia F. Serralves



-Catálogo de algumas formas ao alcance de todas as mãos-, 1970/71. Técnica mista s/tela branca, 150 x 121 cm. Cortesia F. Serralves



«Ponte», 1964. Acetato de polivinilo s/cartolina preparada, colada em platex, 100 x 70 cm. Cortesia F. Serralves



«Cais», 1957/58. Óleo s/tela, 48 x 60 cm. Cortesia F. Serralves

cupações modernas da simplificação formal.

Torna-se pois claro que para Ângelo a arte realiza-se numa relação não conflitual com o passado desta: seja a tradição moderna, seja a tradição clássica, seja a tradição primitiva.

Planta, Árvore, Ponte, Flor, Janela, Natureza Morta, Cavalo, Figura – as séries da pintura de Ângelo dos anos 60 – são figuras fractais da paisagem que desencadeiam a configuração de um espaço em permanente gestação. São figuras de energia do espaço ou da pintura, numa relação vitalista de serialidade metamórfica através de pequenas unidades móveis de cor-linha ou luz-contorno.

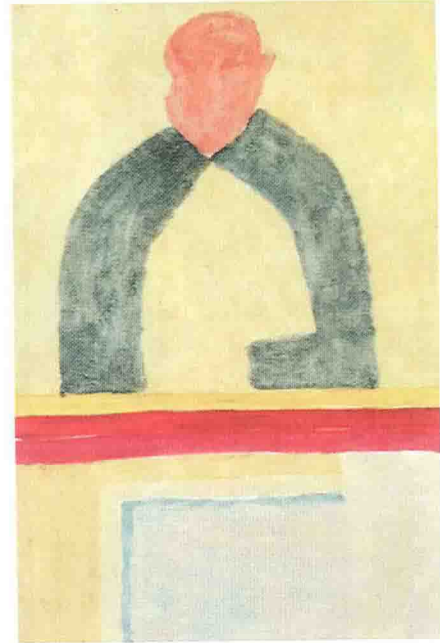
É por isto que, como refere José Gil no texto do catálogo de «Uma Antológica», «não há evolução na obra de Ângelo, apenas um imenso movimento de transformação múltipla, engendrando séries descontínuas em íntima afinidade umas com as outras».

Mas tal entendimento do processo criativo de Ângelo logo verificável na sua actividade dos anos 60 deverá ser extensivo às mudanças ocorridas na sua pintura a partir de 1971, com as telas ditas monocromáticas. A esse propósito insistiu-se por demais numa equívoca passagem de Ângelo ao Minimalismo. Em 1990, A. Rodrigues organizou na Galeria Valentim de Carvalho uma exposição de Escultura de Ângelo, numa outra proposta de enquadramento crítico onde justamente se questionava a sua atribuída fixação à Minimal Art. Como se esperava, a exposição teve apagada receptividade e a extensa bibliografia do catálogo de «Uma Antológica» não menciona o texto do respectivo catálogo.

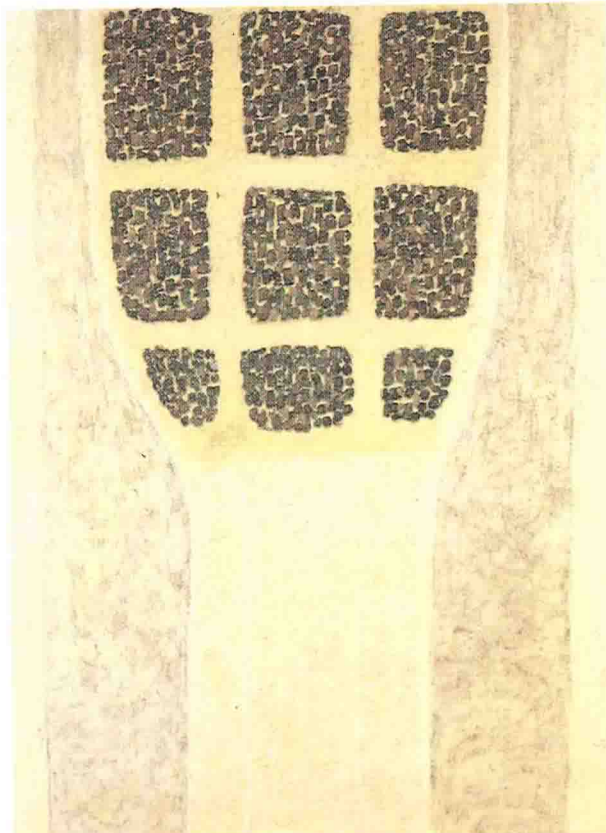
Não obstante agora já quase toda a gente diz que afinal o minimalismo de Ângelo é mais aparente que real. A historieta tem evidente interesse sociológico, quanto mais não seja por vir confirmar como pouco ou



-Cavalo-, 1965. Tintas de off-set s/cartolina preparada, colada em platex, 100 x 70 cm. Cortesia F. Serralves



-Figura-, 1965. Tintas de off-set s/cartolina preparada, colada em platex, 100 x 70 cm. Cortesia F. Serralves



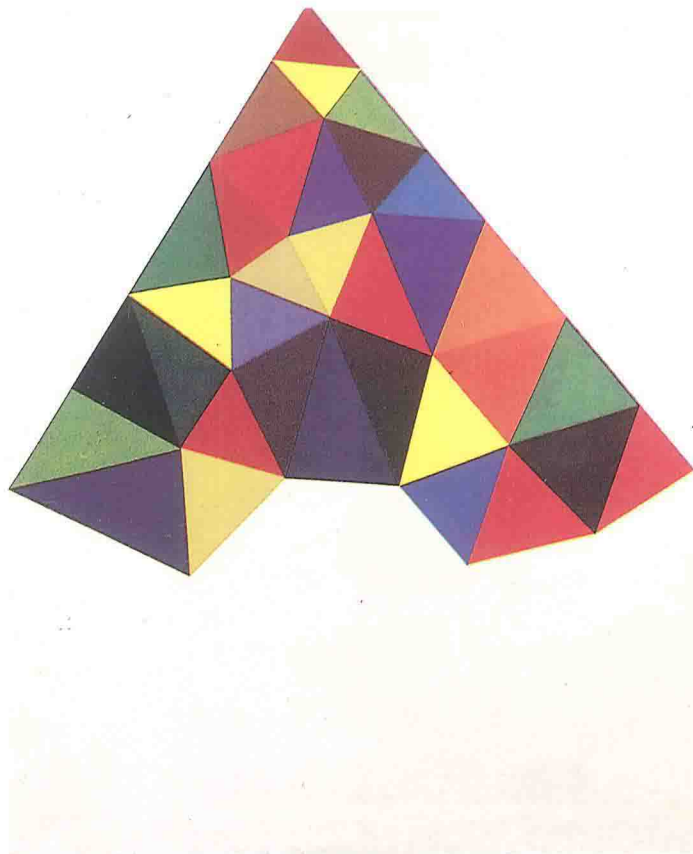
-Árvore-, 1959/60. Cera de abelha e pigmentos s/aglomerado de madeira, 110 x 80 cm. Cortesia F. Serralves

nada interessam à pequena vida artística nacional as discussões críticas possíveis. É pena. Ou talvez não. Tanto faz.

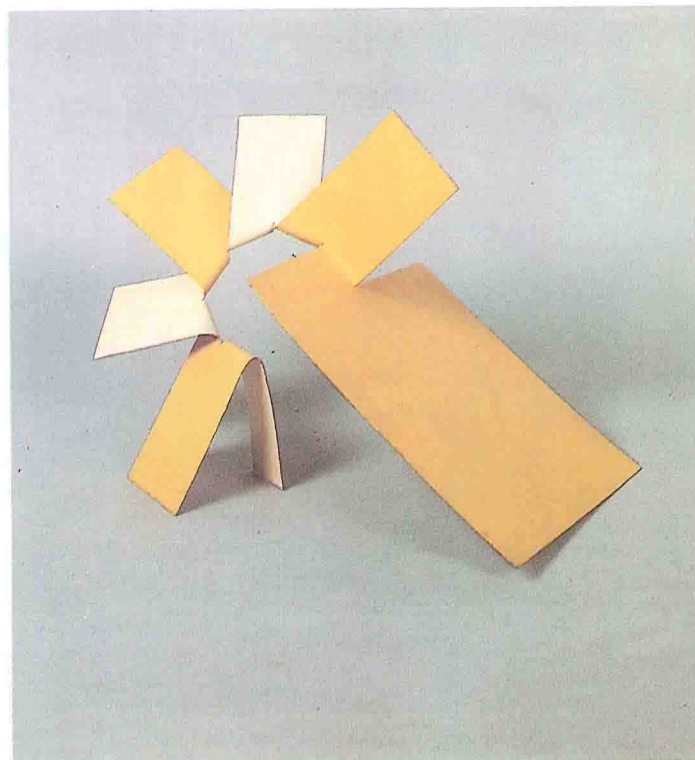
A metamorfose da pintura de Ângelo cerca de 1971 é realizada a partir de uma necessidade do próprio artista de reclarificação de uma linguagem auto-referenciada.

Ângelo cedo imagina uma linguagem que constitui um dos meios pelo qual descobre e articula os parâmetros de existência da sua obra. Isto quer dizer que os elementos da linguagem de Ângelo não são meios de gestão de normas pré-existentes, porque são energias mínimas potenciadas para os máximos efeitos e riscos próprios dos projectos sem direcção prevista.

Na pintura de 1970-71 *Catálogo de algumas formas ao alcance de todas as mãos* – num propósito fim do «pintar certo» de Rodrigo – o seu autor expõe alguns dos sinais elementares que foi inventando no esponta-



-Geométrico Grande-, 1967. Acetato de polivinilo s/platex, 170 x 138 cm. Cortesia F. Serralves



-Escultura-, 1966. Aço, 35 x 43 x 26 cm. Cortesia F. Serralves

neismo de rápidos desenhos sucessivamente realizados.

A cor e o desenho persistem e com estes a presença vibrante do espaço. O fazer desta pintura lembra o virtuosismo lento e laborioso das grandes oficinas de pintura da tradição ocidental. A tela perde a espessura de superfície vazia ao ser ocupada com camadas sobre camadas de cores, numa espécie de resistência ilusória à perenidade do acto criativo.

O trabalho de Ângelo é sempre realizado a partir da acumulação/sedimentação de elementos mínimos, aptos para a emergência de um espaço fractal. Se algum dia fosse possível expor em simultâneo todas as pinturas «monocromáticas» de Ângelo constatar-se-ia que estas não se relacionam entre si por variações formalistas de um dado código estável, antes pelo con-

trário, por aproximações de fragmentos de um espaço cujas linhas indireccionam e a variação da luz tímbrica incontorna. Foi exactamente este mesmo efeito oscilante de movimentos ínfimos que Ângelo realizou com a sua intervenção plástica («Uma Visita») na Alfândega do Porto, integrada nas 2^{as} Jornadas de Arte Contemporânea, onde a especificidade daquele sítio era sublinhada por linhas de fractura produzidas por paredes de espelho. O trajecto do visitante seria assim mais demorado que o normal; não porque precisasse de aplicação reforçada de meios pedestres, mas de uma intensificação de imperceptíveis energias sensoriais, que a generosidade de Ângelo quisera reconstituir ao dispor alvos bancos de jardim para os mais fatigáveis.

A exposição de pintura recente que Ângelo apresentou na Árvo-

re, constitui outro importante complemento à antológica de Serralves.

São séries de acrílicos sobre papel de pequeno formato que lembram de imediato a sua prática de desenho com carácter de apontamento. Nestes o desenho e a cor prosseguem o princípio de expressão dos primeiros anos da sua pintura. Mas não se trata de uma operação de revisitação, nem de repescagem, nem de comentário, mas da afirmação pública da existência de dois registos que sempre explorou em paralelo – não sem desautorizar em definitivo interpretações desenvolvimentistas da sua obra.

Também esta exposição possibilita uma aproximação mais directa à provável questão fulcral da obra de Ângelo: as relações entre o espaço (paisagem) e o corpo (figura). □